O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 15 | Nº 44 | Boa Vista | 2023

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.8254004

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

PESQUISA EM EDUCAÇÃO:
RELAÇÕES DE TRABALHO, (IN)DECISÕES E CADÊNCIA DOS ENTREPASSOS

Maria Enísia Soares de Souza[1]

Juracy Machado Pacífico[2]

Iranira Geminiano de Melo[3]

Resumo

Este texto tem como tema a pesquisa em educação, vista como trabalho e lugar que podem ser definidos pelos envolvidos no processo investigativo. O objetivo da abordagem é o de promover uma reflexão sobre os sentidos e métodos da pesquisa-ação, entendida também como pesquisa social e pesquisa qualitativa. Seguiu-se a metodologia da pesquisa bibliográfica, com abordagem descritiva, que se desenvolveu a partir do diálogo com as contribuições teóricas sobre a relação da pesquisa em educação, pesquisa qualitativa como pesquisa soft, a exemplo da pesquisa-ação, ação em ciclo, que sugere interminalidade, sistematização orientada por indicativos que perpassam pelo participante, pelo local onde ele está e remetem à compreensão de que a tarefa de pesquisar pressupõe constantes reelaborações. Os resultados sugerem o entendimento do processo da pesquisa-ação como trabalho, em que há necessidade de o pesquisador – durante o caminho – observar os "ventos" que o orientam a buscas, permitindo-se a incerteza para, então, redefinir direções de forma colaborativa com o outro, reconhecendo que o estranhamento é efetivo e que a familiaridade pode colocar o pesquisador diante de pontos cegos, os quais podem comprometer tanto a relação com o outro quanto dificultar o encontro de resposta (s) ao problema investigado. Para ilustrar esse processo estético e sensível são citados cuidados nas formas de levantamento de dados, com ênfase na entrevista narrativa e nas observações, nos olhares que podem ser feitos com o outro – professores, estudantes e membros das associações folclóricas do Duelo da Fronteira, um evento cultural da cidade de Guajará-Mirim, estado de Rondônia, em que os Bois Flor do Campo e Malhadinho são os principais personagens. Conclui-se que, a pesquisa-ação exige do pesquisador a articulação entre ele e os seus outros, nos entrepassos investigativos dos espaços e dos lugares da memória coletiva, local e regional, que trazem representações de saberes, de celebrações e formas de expressão nos diversos domínios da prática social que, definitivamente, darão ênfase (o tom) ao que se entende por pesquisa social.

Palavras-chave: Pesquisa-ação; Sentidos e Métodos; Trabalho Intelectual.

Abstract

This text has as its theme the research in education, seen as work and place that can be defined by those involved in the investigative process. The objective of the approach is to promote a reflection on the meanings and methods of action research, also understood as social research and qualitative research. It was followed the methodology of the bibliographic research, with a descriptive approach, which was developed from the dialogue with the, theoretical contributions on the relationship of research in education, qualitative research as soft research, such as action research, action in cycle, which suggests interminality, systematization guided by indications that permeate the participant, the place where he is and refer to the understanding that the task of research presupposes constant reelaborations. The results suggest the understanding of the process of action research as work, in which there is a need for the researcher – along the way – to observe the "winds" that guide him to searches, allowing himself the uncertainty to then redefine directions in a collaborative way with the other, recognizing that estrangement is effective and that familiarity can place the researcher before blind spots, which can compromise both the relationship with the other and make it difficult to find the answer(s) to the problem investigated. To illustrate this aesthetic and sensitive process, care is taken in the forms of data collection, with emphasis on the narrative interview and observations, on the looks that can be made with the other - teachers, students and members of the folkloric associations of the Border Duel, a cultural event in the city of Guajará-Mirim, state of Rondônia, in which the Bois Flor do Campo and Malhadinho are the main characters. It is concluded that action research requires the researcher to articulate between him and his others, in the investigative steps of the spaces and places of collective, local and regional memory, which bring representations of knowledge, celebrations and forms of expression in the various domains of social practice that, definitively, will give emphasis (the tone) to what is meant by social research.

Keywords: Action Research; Senses and Methods; Intellectual Work.

[1] Professor do Instituto Federal de Rondônia (IFRO). Doutoranda em Educação Escolar pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: enisia.soares@ifro.edu.br

[2] Professora da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: juracypacifico@unir.br

[3] Professora do Instituto Federal de Rondônia (IFRO). Doutora em Educação Escolar pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: iranira.melo@ifro.edu.br

INTRODUÇÃO

Métodos de pesquisa, assim mesmo na sua forma plural, remetem à ideia de se fazer um trabalho, de investigar e levantar dados acerca de um problema que se quer, se não o resolver, pelo menos compreendê-lo ou minimizá-lo. Essa concepção, ainda que pareça insipiente, sintetiza o objetivo deste texto, o de refletir e analisar sobre os sentidos atribuídos teórica e socialmente a método (s), o que se fez sem necessariamente recorrer a uma única definição de método. Esse entendimento foi evidenciado, por meio de reflexões, que estudos qualitativos implicam combinação da recolha de dados com a análise, o que parece estudo indutivo, sem arriscar o registro dessa informação.

O que se tem certeza de ter tocado foi na necessidade de que se tem de, quando se propõe pesquisa em educação, a abordagem precisa entranhar-se pelas veredas de áreas do conhecimento que auxiliem o pesquisador a melhor compreender o outro, seu espaço e sua cultura. Registra-se isso com delineamentos de uma pesquisa que será desenvolvida e registrada em forma de tese, acompanhada de produto de intervenção – um memorial, composto de elementos históricos do Boi Bumbá de Guajará-Mirim.

Naturalmente que, como parte de um todo – a tese, este texto demanda que sejam realizadas adaptações, tanto no que diz respeito à estrutura, quanto no que concerne ao conteúdo. É preciso, no entanto, que o ensaio tenha seu *corpus*, com certa independência. Nesse sentido, esclarecidas as intenções de escrita e as devidas relações entre esta produção e a vindoura, registra-se, nas próximas páginas, um pouco do que significa a pesquisa social, enquanto trabalho de busca de dados, de contato com o outro, partindo da associação entre o que se diz qualitativo, as formas desse adjetivo no processo investigativo, nas reticências experimentadas pelo pesquisador.

Dado o passo inicial, a compreensão de como se processam pesquisas em educação se seguiu, com foco na definição do *corpus*, nas especificidades nessa seara e nesse espaço de encontro de inúmeras possibilidades de pesquisa, de problemas que urgem intervenções efetivas. Nesse momento, as formas de levantamento de dados, com ênfase para a pesquisa narrativa e na observação como prática importante para a compreensão da cultura do outro tomam corpo.

Pesquisar é ação construída, nessa acepção, é meritório o registro de como podem ser tomadas as decisões, quando o pesquisador se encontrar acometido pela indecisão, o que pode causar o princípio da dúvida, bem como posição de estranhamento que, nas palavras de Amorim (2004), evita os pontos cegos do e no processo de pesquisar. O lugar do outro e as suas vozes assumem, na abordagem, lugar de expressão, visto que, numa pesquisa da natureza que se propõe, há a essência de subjetividades humanas e a pesquisa se traduz no lugar das interpretações dessas essências.

Nessa acepção, este ensaio tem como objetivo promover uma reflexão sobre os sentidos e métodos da pesquisa-ação, entendida também como pesquisa social e pesquisa qualitativa. O tema pesquisa em educação é considerado, no texto, como trabalho e lugar que podem ser definidos pelos envolvidos no processo investigativo. Constituído como um estudo teórico, que discorre sobre a metodologia da pesquisa-ação com a exemplificação prática a partir de intervenção sobre elementos históricos do Boi Bumbá de Guajará-Mirim, no contexto de metodologias participativas.

Quanto ao recorte metodológico e teórico, a abordagem se desenvolveu a partir do diálogo com as contribuições teóricas de Bogdan e Biklen (1994) sobre a relação da pesquisa em educação a outras áreas do conhecimento; a de Bauer, Gaskell e Allum (2015), autores que conceituam a pesquisa qualitativa como pesquisa soft; a de Trip (2005), que enuncia ser a pesquisa-ação ação em ciclo, sugerindo interminalidade; a de Amorim (2004) que pontua ser essa sistematização orientada por indicativos que perpassam pelo participante, pelo local onde ele está, principalmente e; a de Thiollent (2011), cujas ideias remetem à compreensão de que a tarefa de pesquisar pressupõe constantes reelaborações.

A estrutura organizacional do texto consiste neste texto introdutório, seguido do tópico que abordada a metodologia da pesquisa-ação intitulado “sentidos e métodos de pesquisa-ação”. Depois, disserta-se sobre “pesquisa e trabalho em educação”, exemplificando, de forma prática, a partir das ações investigativas sobre o Duelo da Fronteira, como o trabalho do pesquisador pode ser desenvolvido, enfatizando-se seu papel na produção de saberes e no fortalecimento comunitário. No tópico seguinte “in(decisões) no fazimento de pesquisa”, descreve-se a respeito do processo de construção do texto, orientado pelos pressupostos da pesquisa qualitativa, resultando em possíveis contribuições a esse campo do conhecimento. Por fim, são apresentadas as considerações finais, seguidas das referências citadas.

SENTIDOS E MÉTODOS DE PESQUISA-AÇÃO

Falar sobre pesquisa em educação implica que sejam desenvolvidos olhares para questões que perpassam pela antropologia, pela sociologia, pela história e por muitas outras direções que tem o pesquisador como motivo de investigação. Essa relação entre diferentes áreas do conhecimento não é recente. Segundo Bogdan e Biklen (1994), data do século XIX, 1898, a primeira publicação, um artigo escrito por Franz Boas, cujas ideias eram o ensino da antropologia em nível universitário. Isso ocorreu nos Estados Unidos e ali estava marcada a interação entre educação e antropologia.

O contributo de Boas foi significativo para investigações qualitativas em educação, porque abriu espaços para se pensar de maneira interpretativa o homem na sua mais ampla dimensão, valorizando, sobretudo, as culturas e como cada uma delas é vista por aqueles que a constituem. Ainda conforme registros de Bogdan e Biklen (1994), entende-se que seja pertinente dizer que a proposta de estudos, iniciados por Franz Boas, não tiveram caráter etnográfico, como os de Bronislaw Malinowski (MALINOWSKI, 1997) que, para observar o funcionamento de uma aldeia nativa no Pacífico, permaneceu por lá um longo período.

Disso compreende-se que fazer pesquisa não se limita a documentos e informadores, conforme fez Boas, mas a exercícios de observações diretas e profundas, a indecisões e redefinições sobre o que se quer saber, guiado por quem e pelos entraves que forem surgindo no processo de pesquisa. Está se falando do observar, situação que envolve quem observa e pessoa (s) e coisas observadas. Experiências humanas, portanto, em espaço não comumente frequentado pelo pesquisador, mas lugar de quem está sendo e participando da pesquisa. Alguém ativo.

Se a pesquisa pressupõe participações diretas, então, um primeiro sentido atribuído a esse fazer é a prática qualitativa. Não se deve esquecer, porém, que a semântica da palavra qualidade assimila caracterizadores, por exemplo, "boa qualidade; péssima qualidade". Dizer que uma pesquisa é qualitativa, nesses termos, não lhe sê atribui ao trabalho o adjetivo bom. Com esse cuidado, entende-se pesquisa qualitativa como a que defendem Bauer, Gaskell e Allum (2015, p. 23), em texto intitulado "Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento" – evitando confusões. Para os autores, "a pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações das realidades sociais, e é considerada pesquisa *soft*".

O fato de operar com realidades sociais torna a pesquisa "*soft*", aproxima e atribui à pesquisa em educação da sociologia, sendo possível entendê-la como pesquisa social qualitativa. Nesse sentido, na seara da pesquisa em educação, está tanto o adjetivo qualitativo quanto o social. Além desses caracterizadores, o termo pesquisa recebeu outro lexema – ação – como se quisesse fortalecer, enfatizar o substantivo simples pesquisa, por meio de uma associação composta: pesquisa-ação.

A pesquisa-ação, tomando uma das definições de Thiollent (2011, p. 23) que diz que: "uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver uma ação desenvolvida pelos implicados no problema estudado". Ação remete a fazimento, à prática. A detecção e o conferimento de determinado problema é nada na pesquisa-ação, a ela interessa a alteração e a equacionalização de problemas, isso explica porque essa pesquisa é também chamada de pesquisa social.

A pesquisa deve ser entendida como lugar e espaço de atuação do pesquisador e do outro, esse outro entendido, nos termos de Amorim (2004), "exige" postura (s) de quem faz a pesquisa, exige

sistematização, o que se reconhece, aqui, como ordem da pesquisa, que exige passos cadentes, ao tempo em que desiquilibra, exige descansos, ressistematização, idas e retornos, conforme os indicativos e "a força do vento da busca".

A equiparação entre pesquisa qualitativa e pesquisa social não nega que uma pesquisa qualitativa, com a interpretação entendida como mote da sua razão de ser, não necessite de estatísticas, estas próprias da quantificação. Essa é uma defesa de Bauer e Gaskell (2015, p. 24). Para eles, "não há quantificação sem qualificação, há análise estatística sem interpretação".

O que se retira do pensamento dos autores, citados anteriormente, é que em pesquisa não se deve adotar monopólios posturais, mas adoção de posturas pesquisadoras que tenham predominância nas ações. Então, uma pesquisa é dita quantitativa se: "... lida com números, usa modelos estatísticos para explicar os dados, e é considerada pesquisa *hard*" (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2015, p. 22-23). No entanto, de acordo com o que sinalizaram os autores,

> A mensuração dos fatos sociais depende da categorização do mundo social. As atividades sociais devem ser distinguidas antes que qualquer frequência ou percentual possa ser atribuído a qualquer distinção. É necessário ter uma noção das distinções qualitativas entre categorias sociais, antes que se possa medir quantas pessoas pertencem a uma ou outra categoria. Se alguém quer saber a distribuição de cores num jardim de flores, deve primeiramente identificar o conjunto de cores que existem no jardim; somente depois disso pode-se começar a contar as flores de determinada cor. O mesmo é verdade para os fatos sociais (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2015, p. 22-23).

Nessa linha, o pesquisador navega tanto no método quantitativo quanto no qualitativo. A decisão ou tendência para um deles ancora-se na "frequência" dos fatos e esta é que dará o tom a esta ou aquela categoria. Aqui cabe a metáfora, definir as "cores" da pesquisa é posterior ao reconhecimento das possibilidades do mundo das cores.

O princípio da navegação implica seguimento de roteiro de viagem, observação de instrumentos de direção e observação dos ventos. Logo, pesquisa e o ato de navegar são ações contínuas. Em se tratando de pesquisa contínua, Trip (2005) enuncia que essa forma de pesquisar remete à ideia de ciclo, a ciclicidade pode também se confundir com o pensamento de interminalidade, o que se percebe na sintaxe e na semântica do termo-sufixo -ação. Linguisticamente, o sufixo -ação é elemento morfológico, parte formativa da arquitetura de substantivos, derivados de verbos de movimento, chamados de verbos de ação, os quais, na composição de um texto, entram em concordância, em acordo com os sujeitos ativos.

Essa característica sintática conjuga-se com o que se entende ser espaço do pesquisador, que não é único, mas não incerto. Pode o espaço ser definido por aquilo que diz o pesquisado, e isso implica

atitude de quem pesquisa de tal modo que o leve a sair de si-próprio e fazer sair o outro de si, num processo de equivaler-se, aí tem-se o *diver* do eu (SEGALEN, 1978).

É no sair-se que se 'materializa' a desordem, que a indecisão se concretiza e, nessa hora, o estudioso deve rever os caminhos planejados, já que os ventos mudam a direção, ainda que sejam brisas leves, a pesquisa volta-se para outros lados. Ser ativo, na tarefa de pesquisar, implica ao pesquisador constantes refazimentos e reelaboração de seu planejamento, de redimensionamento de seu caminho, de reordenação dos passos a serem dados, depois de atitudes de escuta, como diz Thiollent (2011). Isso, quase sempre, aponta a necessidade de readaptação de objetivos, de modo a torná-los mais práticos, isto é, para alcançar o outro pesquisado, o desfavorecido, o invisível, o representante da parte fraca, aquele que o tecnicismo e o academicismo pouco alcançam.

Como descrevem Sörlin (2019) e Salo e Rönnerman (2023) o trabalho com a pesquisa-ação é processo profissional colaborativo contínuo que desafia a projetificação e as intervenções de curto prazo, orientadas para resultados. Concorda-se com esses autores em que a pesquisa-ação tem foco em processos construtivos, possibilitando o crescimento de pesquisadores/professores junto com os participantes da pesquisa na 'difícil arte de conhecer juntos', pois como analisa Sörlin (2019), as virtudes do conhecimento são importantes; considera-se que construído de forma colaborativa se torna ainda mais relevante.

O processo de diálogo participativo, na pesquisa-ação, impacta a realidade ao abraçar ações conjuntas no árduo esforço de tornar o projeto significativo para os participantes, o que envolve capacitar a participação deles, tornado as transformações possíveis (MADSEN; LUND; JENSEN, 2023).

Se a pesquisa-ação pressupõe transformações da realidade, então, a ordem inicial do projeto pode ser entendida por mera terminologia vocabular, já que a pesquisa-ação reúne um conjunto de ações processuais, tomada de consciência dos problemas, reconhecimento de conflitos, decisões, negociações e, por fim, a transformação da situação inicial (THIOLLENT, 2011), com alto grau de subjetividade sem, no entanto, distanciar-se da ciência e da racionalidade.

Pesquisa-ação, pesquisa qualitativa e pesquisa social, segundo a abordagem que se está desenvolvendo, são expressões muito próximas semântica e metodologicamente uma da outra. Nelas, há o interesse de como as pessoas, os atores sociais, os pesquisados falam, agem e entendem a si e a sua cultura. Se, todavia, a pesquisa desconsiderar essas situações, o processo de pesquisa se desvirtua desse universo significativo e, pode resultar, num trabalho sem traços e marcas humanas, próprias desse tipo de pesquisa.

Pela abordagem desenvolvida até então, a dogmatização metodológica parece não ter espaço amplo na pesquisa social (LAZARSFELD, 1968), mas não se pode compreendê-la reduzida. Formalidades e informalidades são posturas de pesquisador social. O modo formal se identifica na pesquisa no que antecede ao trabalho investigativo, por exemplo, a definição do projeto e os primeiros instrumentos de investigação. Mas é no percorrer dos caminhos que posturas informais se efetivam, distanciando o técnico do pesquisador, dando lugar ao pesquisador artesão, nessa acepção, tomando o termo empregado por Charles Wright Mills, sociólogo americano, quando trata do artesanato intelectual (MILLS, 1969).

Impossível não associar a ideia de incompletude da pesquisa social à poesia de Manoel de Barros (BARROS, 2002), poeta sul-mato-grossense, intitulada "Retrato do artista quando coisa", nela, ele diz que "A maior riqueza do homem é sua incompletude". Pesquisa também é isso: é incompletude, é busca e vontade *ad aeternum* de completar-se.

Os sentidos e métodos de pesquisa em educação, com base no que se defende, são frutos de arranjos formais, interpretativos e, porque não dizer, poéticos. São ações várias e diversas, são experiências e fazimentos que resultam saberes. Esses, multifacetados pela presença do outro, tanto no percurso quanto nos momentos reticentes do pesquisador, traduzem-se em concretas e coletivas participações entre a comunidade entrevistada e o pesquisador. A pesquisa-ação é uma área de legitimação da universidade, diz Santos (2011). A sua execução deve ocorrer com vistas a soluções que beneficiem a organizações ou a grupos sociais.

Nessa acepção, pesquisa-ação realizada no Japão com crianças com deficiência intelectual severa e profunda, mostrou que esse tipo de pesquisa também tem sido desenvolvida com foco na captação e ampliação das interações ativas das crianças com o ambiente (SASAHARA, 2023). Essa pesquisa-ação potencializou a capacidade de interação/comunicação das crianças participantes.

Em pesquisa-ação com docentes, Semathong (2023) descobriu que os professores têm melhor compreensão em sala de aula e alta qualidade de trabalho após participarem de workshop para investigação da ação educativa. É essa capacidade de transformação que torna a pesquisa-ação diferenciada, com potencial democrático para "a formação de uma comunidade local de significado profissional e aprendizado com forte foco em práticas, experiências, desafios, recursos e soluções" (SALO; RÖNNERMAN, 2023, p. 90), resultados de uma tessitura colaborativa e de uma postura investigativa crítica e reflexiva.

PESQUISA E TRABALHO EM EDUCAÇÃO

Nos lugares da educação o professor pesquisador tem um papel fundamental. Daí a relevância da formação de professores pesquisadores conforme descrevem Gatti *et al* (2019) e Sá (2021), capazes de ensinar e de pesquisar no desempenho do trabalho docente, como investigador de práticas educacionais. O professor pesquisador é aquele que

> constrói saberes científicos voltados à prática de ensino e de pesquisa, para que seja capaz de perceber e agir de forma investigativa, crítica e reflexiva, frente aos problemas que surgem dentro e fora do seu ambiente de trabalho (SÁ, 2021, p. 251).

Nesse fazer investigativo, "as práticas docentes devem ser postas à tona, desveladas, descritas, analisadas e reformuladas se necessário, inserindo-se no processo de aprendizagem da docência", e nesse processo de repensar as ações, fundamentando-se em referenciais teóricos o professor aperfeiçoa seu trabalho e se desenvolve profissionalmente (GATTI *et al,* 2019, p. 188).

Toda pesquisa é trabalho. A sua pedra fundamental é o projeto, cujo significado alcança as ideias de lançar-se, projetar-se para, encaminhar-se, enfim: iniciar a caminhada. Como se está falando de pesquisa em educação, a jornada se efetiva na educação, transcorre no espaço educativo e se interrompe, sem, naturalmente, finalizar, nos lugares da educação.

Definido o *corpus* da pesquisa, inicia-se a coleta de dados, selecionam-se aqueles que evidenciam argumentos qualitativos e servem de bases da investigação, auxiliam na transcrição, demonstração, prova ou refutação de afirmações constantes no material selecionado (BAUER, AARTS, 2015).

Para os autores, basicamente são duas as definições da palavra *corpus*: do latim, significa corpo e seu plural é *corpora*. Então, a palavra *corpus*, "Nas ciências históricas, ela se refere a uma coleção de textos"; "um corpo de uma coleção completa de escritos ou coisas parecidas; o conjunto completo de literatura sobre algum assunto... vários trabalhos da mesma natureza, coletados e organizados"; Dados podem também ser textos escritos sobre o assunto e interesse da pesquisa. A organização e o tratamento desses também é parte do labor do pesquisador, que insere, toma "para si", redimensiona-se a partir de uma antologia de informações que lhes auxiliem nas experiências de trabalho, que reconheçam o *corpora* da pesquisa.

Corpus, no entendimento de Barthes (1967 *apud* Bauer; Aarts, 2015), é "uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, com inevitável arbitrariedade, e com a qual ele irá

trabalhar". Essa coletânea representa os materiais significativos para o trabalhador em pesquisa, porque é nela e dela que as análises se edificarão.

Como o trabalho de pesquisa que se propõe para a composição de uma tese de doutorado é o Duelo da Fronteira enquanto aliado ao ensino de literatura regional, os corpora do trabalho com pesquisa estão representados na figura a seguir, que indicia ser um conjunto de materiais e atitudes que, ao mesmo tempo que se diferem, completam-se, sugerindo que o corpus é verticalizado, no entanto sua natureza é entrelaçada e, porque não dizer: síncrona.

Figura 1 – Representação do corpus da pesquisa



Fonte: Elaboração própria.

Por se tratar de pesquisa qualitativa, de pesquisa social, as entrevistas individuais e grupais, ambas em profundidade, foram realizadas com vistas à compreensão do mundo dos respondentes, os quais foram representados pelas interpretações feitas das narrativas pelo pesquisador, interpretações mais conceituais da situação do outro, quais sejam crenças, atitudes, valores e motivações de opiniões. "A finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão" (GASKEL, 2015, p. 68).

O trabalho de análise do pesquisador é o de procurar sentidos e compreensão. O que foi falado constituem os dados, a análise deve circular entre o que é central e o que é periférico, sendo as ideias centrais aquelas que estão disseminadas dentro de um meio social, conforme Gaskell (2015).

Vale dizer que,

> Em termos práticos, a análise e interpretação exigem tempo e esforço e não existe um método que seja o melhor. Na essência, elas implicam na imersão do próprio pesquisador no corpus do texto. No processo de ler e reler, as técnicas tradicionais empregadas, em geral com um lápis ou

> outros recursos simples (canetas que realcem o texto), incluem: marcar e realçar, acrescentando notas e comentários ao texto, identificação da concordância no contexto de certas palavras, formas de representação gráfica dos assuntos, fichas de anotações ou fichário de notas, e finalmente análise temática (GASKELL, 2015, p. 85).

Ainda com base no autor, acima citado, antes da interpretação, a entrevista qualitativa seguirá sete passos:

1. Preparação de um tópico que guiará o processo de pesquisa;
2. Definição do método de entrevista: individual e/ou grupal;
3. Escolha de estratégia para a seleção de entrevistados;
4. Realização de entrevistas;
5. Transcrição de entrevistas;
6. Observações;
7. Análise, interpretação do *corpus* do texto.

Nesse caso, as entrevistas formam narrativas, dada a variedade, próprias do contar histórias e isso abre um leque de possibilidades interpretativas, visto que a narratividade preserva particularidades do dizer, formas singulares de expressão e escolha temporal. “Contar histórias é uma habilidade independente da educação e da competência linguística [...]” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2015, p. 91). “A adoção da entrevista narrativa se explica no fato de que este método de coleta de dados vai para além do esquema pergunta-resposta” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2015, p. 95).

Uma matriz com as finalidades e os objetivos auxilia na visibilidade e na concentração diretiva do pesquisador. Funciona como se fosse uma bússola que aponta a direção dos ventos, e como manejar o leme da navegação. Essa direção não deve ser traduzida como cerceamento de possibilidades, mas como possibilidades de novos passos, como tempo de reflexão sobre as finalidades de pesquisa, as relações teóricas estabelecidas, enfim, sobre as influências recebidas do outro e/ou das teorias. Essas posturas do pesquisador justificam o que defende Flick (2009, p. 23) sobre a pesquisa qualitativa. Para ele, “Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem [...] nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte de produção do conhecimento [...]”.

Como “A pesquisa qualitativa não se baseia em um conceito teórico e metodológico unificado” (FLICK, 2009, p. 25), esta pesquisa adotou também diversas abordagens teóricas, da pesquisa-ação e da pesquisa social, abordagens que permitem ao pesquisador interações com o pesquisado e lido, e com o outro, permitem reconstruções de estruturas do campo social. Acredita-se que a articulação de métodos esteja evidente numa pesquisa com essa natureza.

No quadro 1, consta uma *checklist*, com questões de orientação sobre o plano de pesquisa do doutoramento em Educação Escolar, pelo Programa de Doutorado Profissional em Educação Escolar na Universidade Federal de Rondônia – UNIR:

Quadro 1 – Indicação de Métodos Qualitativos

<table>
<tr><td colspan="3">Duelo da Fronteira como aliado ao ensino de literatura regional</td><td colspan="3">Pesquisa Qualitativa</td></tr>
<tr><td>Como um evento cultural pode contribuir com as aulas de literatura regional?</td><td>indica</td><td>Como aliar evento cultural à literatura regional?</td><td>Que evento cultural é esse?

Que associações são possíveis entre o Duelo e a literatura regional?</td><td>indicam</td><td>Que método ou métodos serão utilizados?</td></tr>
<tr><td colspan="6">1. Que estratégias de pesquisa podem auxiliar na aproximação entre cultura e ensino de literatura regional?
2. Quando um determinado método é apropriado ou indicado?</td></tr>
</table>

Fonte: Elaboração própria. Adaptada de Flick (2009).

Os entrevistados/pesquisados, podem-se, ainda, na perspectiva de Amorim (2004), dizer os outros da pesquisa foram professores de História e Literatura, estudantes do 1º ano do ensino Técnico em Informática e membros das agremiações Boi Flor do Campo e Boi Malhadinho; de quem a pesquisadora ouviu narrativas que tivessem as particularidades empregadas como critério de pesquisa; dos professores foi ouvido o que sabiam do Projeto Pedagógico do curso Técnico em Informática em relação a conteúdos de cultura e literatura regional, a conversa com estudantes enveredou-se pelo que sabiam do Evento Duelo da Fronteira. Dos membros das associações foram ouvidas histórias da constituição e do processo do Festival.

O local de investigação foi o IFRO, *Campus* Guajará-Mirim, onde trabalham os professores e estudam adolescentes do 1º ano, curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio; a residência dos pesquisados ou da pesquisadora, ou ainda outros locais, previamente acordados pelos participantes. Quando os trabalhos forem de observação, o pesquisador deve manter postura discreta, para evitar constrangimentos àqueles que estão no espaço, minimizando assim posturas intrusivas, deixando os participantes à vontade. É relevante registrar, deixar claro, antecipamente, o papel do que se quer registrar.

Haverá listas de questões do pesquisador. Uma com foco no professor observado, outra nas crianças, conforme apresentado nos quadros 2, 3 e 4, os quais são identificados na página seguinte deste texto.

Quadro 2 – O que observar dos professores

- Como o professor responde o que lhe é perguntado?
- Que tipo de atenção ele dá ao PPC?
- Como se caracteriza a atmosfera da entrevista?
- Que tipo de conteúdos ele valoriza no PPC?
- Quais problemas ele elenca ao compreender o PPC?
- Como são solucionados os problemas que ele encontra no PPC?

Fonte: Elaboração própria. Adaptada de Bogdan; Biklen (1994).

Quadro 3 – O que observar dos estudantes

- Como os estudantes se comportam nas oficinas?
- Como se caracteriza a atmosfera na oficina?
- Os estudantes se comunicam entre si?
- Quais problemas surgem no decorrer das oficinas em que estão envolvidos os estudantes participantes da pesquisa?

Fonte: Elaboração própria. Adaptada de Bogdan; Biklen (1994).

Tabela 4 – O que observar dos membros das agremiações do Duelo da Fronteira

- Como os participantes das agremiações se manifestam ao tratar do Duelo da Fronteira?
- Como se caracteriza a atmosfera da conversa?
- Os membros das agremiações se comunicam entre si?
- Como ocorre a relação entre os Bois contrários?

Fonte: Elaboração própria. Adaptada de Bogdan; Biklen (1994).

Como se trata de investigação-ação, isto é, com o objetivo de recolher informações para promover mudanças, no caso relacionar cultura e ensino de literatura regional, o próximo passo a ser dado pelo pesquisador é iniciar o processo de intervenção, promovendo encontros com estudante e professores, para os trabalhos de ensino, com apresentações de vídeos com os festivais do Duelo, depois com a construção de um Memorial, com material previamente colecionado, a definição de imagens e textos que comporão o Memorial, que será o "produto" a ser defendido como parte da tese doutoral.

IN(DECISÕES) NO FAZIMENTO DE PESQUISA

O processo de construção de um estudo, orientado por pesquisa qualitativa, de natureza social, é reconhecido nos diversos momentos reticentes vividos pelo pesquisador, pelo realinhar dos trabalhos e

até pelos esquecimentos ou apagamentos de material; anotações e observações feitas em diário de campo, e mesmo na memória, ao longo do tempo dos labores. Acredita-se que as indecisões no fazimento de pesquisa estejam relacionadas a passos dados em falso, dados de forma insegura, como, por exemplo, a inconsciência do pesquisador sobre o outro, suas diferenças, suas vozes.

O retorno do pesquisador a algum ponto do trabalho exige que se aconselhe e se oriente nas palavras de Amorim (2004) que, ao discutir a *temática da alteridade*, *o pesquisador no país do outro* registra que o estranhamento é a condição de princípio de todo procedimento, o que nos leva a afirmar, então, ser o estranhamento a condição primeira do pesquisador, porque, segundo a autora, "A imersão num determinado cotidiano pode nos cegar justamente por causa da familiaridade" (AMORIM, 2004, p. 26).

Nesse sentido, em todo o decorrer da pesquisa, o espírito do estranhamento deve acompanhar o pesquisador, num processo de ir e vir, numa tarefa de (re)tradução do que é familiar ao estranho e vice-versa, sucessivamente. Há de se dizer também que ao ser acolhido pelo estranho, o pesquisador encurta distâncias, suspende algumas evidências, interroga-se sobre outras questões ainda não pensadas, fica perplexo com o que vê. A pesquisa e o pesquisador, assim entendidos, tornam-se uma espécie de exílio. Exílio, porque o pesquisador deve estar, em todo tempo, lembrando-se de seu papel, da sua postura e de vasto campo de ideias, umas que podem ser colocadas em prática, outras que, definitivamente, devem ser refutadas.

Se o outro se revela hospitaleiro, o pesquisador pode ficar numa situação de conforto, se, no entanto, esse outro tenha se apresentado um tanto hostil, as estratégias de contato devem ser reformuladas e, a "negociação" e a empatia precisam ser experimentadas pelos envolvidos no trabalho de pesquisa.

O projeto e os métodos, enquanto lugares em que se explicitam o modo como o outro é representado, fracassam na medida em que fracassa esse primeiro contato. É como se em ambos estivessem o que Amorim (2004) chama de pontos cegos da pesquisa. Pontos cegos que se reconhecem na visão de alteridade constituída como objeto de pesquisa, como um outro objetivo, pertencente a um grupo ao qual não pertence o pesquisador. Mas, se contrário for pressentido, se houver estranhamento e humanidade comuns, se ali estiverem presentes a subjetividade, se o território passar a ser de ambos, e se a experiência for compartilhada, ali se inscreve a pesquisa como prática social e, sobretudo, como assimilação humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa-ação alicerça-se no e sobre o que é fundamental na abordagem qualitativa. E crucial é o que dizem as pessoas para que se compreenda um problema social, quer para que seja resolvido o problema, quer para que se formalize (m) mudança (s). É daí que se entende a natureza social desse tipo de pesquisa, cujo objetivo principal é o que registra Bogdan e Biklen (1994): é a ação, o treino e a tomada de decisão. Na pesquisa que se propõe, o conjunto de ações, os fazeres e as experiências resultarão num *Memorial Duelo da Fronteira*, cujos elementos serão imagens e textos do e sobre essa festa cultural, material este que poderá servir como suporte à relação ensino e cultura regional e às aulas de literatura regional no IFRO, *Campus* Guajará-Mirim, especialmente.

Desenvolver um trabalho, com esse perfil, exige posturas e esforços do pesquisador que, preocupado com o processo de aprendizagem, como um todo, com o desenvolvimento humano dos envolvidos na tarefa de ensinar/aprender, professores e estudantes da educação técnica e tecnológica; inquieto também com a aproximação, com o encurtamento de distâncias entre a cultura local e a escola. É esse comprometimento do cientista pesquisador, e a articulação entre ele e os seus outros, o "trocar pernas" e os seus entrepassos que, definitivamente, darão ênfase (o tom) ao que se entende por pesquisa social.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Editora Musa, 2004.

BARROS, M. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. "Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – evitando confusões". *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

BAUER, M. W.; AARTS, B. "A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos". *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Editora Porto, 1994.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2009.

GASKELL, G. "Entrevistas Individuais e Grupais". *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

GATTI, B. A. *et al*. **Professores do Brasil**: novos cenários de formação. Brasília: Unesco, 2019.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. "Entrevista Narrativa". *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

LAZARSFELD, T. "An Episode in the history Research: a Memoir". *In*: FLEMMING, D.; BAILYN, B. (orgs.). **The intelectual Migration**: Europe and America 1930-1960. Cambridge: HUP, 1968.

MALINOWSKI, B. **Um diário no sentido estrito do termo**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.

MADSEN, K. L.; LUND, O.; JENSEN, J. "(En)action research: practice transformation through processes of participatory sense-making in educational action research". **Research Gate** [2023]. Disponível em: <www.researchgate.net>. Acesso em: 12/08/2023.

MILLS, C. W. "Do Artesanato Intelectual". *In*: MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1969.

SÁ, S. F. **Formação do professor-pesquisador**: Estudo de caso em curso de Ciências Biológicas. Boa Vista: Editora IOLE, 2021.

SALO, P.; RÖNNERMAN, K. "Educational Action Research for Being". **Nordic Studies in Education**, vol. 43, 2023.

SANTOS, B. S. **A universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

SASAHARA, M. "Action Research on Education for Children with Severe and Profound Intellectual Disabilities". **Journal of Special Education Research**, vol. 61, 2023.

SEGALEN, V. **Essai sur l'exotisme, une esthétique du divers**. Paris: Fata Morgana, 1978.

SEMATHONG, S. Participatory Action Research to Develop the Teachers on Classroom Action Research. **Shanlax International Journal of Education**, vol. 11, n. 3, 2023.

SÖRLIN, S. "Till bildningens försvar: Den svåra konsten att veta tillsammans". **Natur och Kultur** 2019. Disponível em: <www.nok.se>. Acesso em: 14/08/2023.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

TRIPP, D. "Pesquisa-ação: uma introdução metodológica". **Educação e Pesquisa**, vol. 31, n. 3, 2005.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 15 | Nº 44| Boa Vista |2023

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima